



## Brasil e Portugal: pesquisa, docência e linguagem em questão

ENTREVISTA com  
Manuela Guilherme

concedida a Ana Maria Haddad Baptista (julho de 2012)

Em julho de 2012, em Portugal, tive a feliz oportunidade de conhecer pessoalmente a Profa. Dra. Manuela Guilherme. O nosso contato, até então, era apenas por e-mails, visto que integramos, no contexto dos trabalhos da Rede Ibero-Americana de Investigação em Políticas Educativas – Riaipe, as mesmas dimensões de pesquisa. Fui recebida pela referida pesquisadora e equipe, assim como pelo Prof. Dr. Antonio Teodoro, de forma bastante receptiva e atenciosa. Nessa ocasião, combinamos a entrevista que vem a seguir.

*Dialogia* – Gostaria que a professora Manuela fizesse um breve relato de sua trajetória acadêmica/profissional e comentasse seus vínculos atuais com a Universidade, assim como suas principais publicações.

A minha trajetória acadêmica/profissional foi sempre movida pela busca de novas experiências de vida e por mais conhecimentos nas áreas da interculturalidade e do multilinguismo em contextos de educação e formação, tendo como referentes um pensamento crítico e uma pedagogia crítica. Esse interesse

pelas línguas e culturas cresceu comigo em Moçambique, nas margens do rio Zambeze, e minha visão do mundo se foi compondo num ambiente multicultural e multilíngue, simultaneamente em duas línguas europeias e em duas línguas indígenas e, pouco depois, em outras duas línguas europeias, isto é, todas aquelas que estavam ao meu alcance. Línguas estas que estavam em diferentes relações de poder, umas dominantes e outras dominadas, e numa hierarquia que colocava a língua oficial, o português, como língua subalterna em relação às outras línguas europeias e como língua colonial em relação às línguas indígenas. Mais tarde, depois de terminar a licenciatura em Filologia Germânica na Universidade de Lisboa, comecei a minha carreira profissional como professora do ensino secundário em 1974, em plena Revolução de Abril. Desse modo, a minha experiência no sistema de ensino português, secundário e superior, foi decorrendo em pleno processo de democratização. A partir de 1987, acumulei o papel de formadora de professores, sobretudo formação para professores em exercício. A partir de 1990, passei a trabalhar no ensino superior. Fui Assistente Convidada na Universidade Nova de Lisboa e, poucos anos depois, tive uma experiência de trabalho na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, em Inglaterra, entre 1996-1998. De seguida, gozei uma licença sabática na Universidade de Durham, durante um ano, para me dedicar completamente ao meu projecto de doutoramento, pelo qual recebi, em novembro de 2001, numa cerimónia em Washington D.C., o *Birkbmaier Award* para investigação doutoral pelo ACTFL – *American Council on the Teaching of Foreign Languages* e pelo *Modern Language Journal*. Neste estudo, apliquei as teorias de Paulo Freire à educação em línguas e culturas, em comparação com a teoria crítica da Escola de Frankfurt e as teorias pós-modernas francesas, nomeadamente à teorização do conceito de “consciência cultural crítica” (*critical cultural awareness*), termo anteriormente cunhado por Byram (1994), meu orientador de doutoramento. Durante toda a década de noventa, para além da minha estadia de 3 anos em Inglaterra, fiz frequentes visitas de estudo aos Estados Unidos, das quais saliento a investigação realizada, com maior frequência e duração, na Universidade de Stanford, na Califórnia, e na Universidade de Brown, na Nova Inglaterra. Mais tarde, já doutorada, fui investigadora *full-time* no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra entre 2002 e 2007, onde coordenei projectos internacionais europeus, tais como o Interact ([www.ces.uc.pt/interact](http://www.ces.uc.pt/interact)), sobre a dimensão intercultural da educação para a cidadania no âmbito da formação de professores, e o Icopromo ([---

16](http://www.ces.</a></p></div><div data-bbox=)

---

uc.pt/icopromo), sobre a formação profissional em comunicação intercultural. A partir de fevereiro de 2010, recomencei a trabalhar na Universidade Lusófona, onde sou co-coordenadora científica do Projecto europeu ALFA-RIAIPÉ3, que pesquisa equidade e coesão social na América Latina no ensino superior. Aqui, como Professora Associada, ensino também “Sociologia da Educação” e “Teoria Social e Educação” a cursos de Licenciatura e Mestrado e “Interculturalidade, Educação e Cidadania” ao curso de doutoramento. Gostaria de salientar, entre as minhas publicações, a monografia *Critical citizens for an intercultural world: foreign language education as cultural politics*, publicada pela Multilingual Matters (2002); o artigo *English as a global language and education for cosmopolitan citizenship*, 2007, na revista *Language and Intercultural Communication* (Sage); os capítulos “Multiculturalismo e educação: Carta aos professores brasileiros, segundo inspiração de Paulo Freire”, 2009, em O. Sopelsa & J. V. Trevisol (eds.), *Currículo, Diversidade e Políticas Públicas* (Joaçaba, SC: Editora UNOESC, p. 45-50) e ainda *Intercultural responsibility: power and ethics in intercultural dialogue and interaction*, 2010, no livro co-editado por mim intitulado *Intercultural Dynamics of Multicultural Working* (Bristol: Multilingual Matters).

*Dialogia* – Em que medida, ao longo de sua vivência profissional, as teorias estudadas pela professora Manuela puderam, efetivamente, ajudá-la em sua prática?

A minha busca por mais conhecimentos foi sempre motivada pela necessidade de encontrar sentido e justificação para as minhas práticas, muito particularmente na minha dedicação à formação de professores. As teorias que fui estudando e produzindo tiveram um impacto enorme nas minhas práticas, fizeram toda a diferença: não só me inspiraram a aventurar-me em novos caminhos como também me apoiaram na adequação das minhas práticas às necessidades particulares de cada aluno e na sua motivação. Ajudaram-me também a estimular os professores que tenho vindo a formar, a fim de que eles próprios venham a encontrar apoio e inspiração no suporte teórico para a sua prática quotidiana, que se torna cada dia mais difícil pelo peso das tarefas burocráticas que têm de desempenhar e pelas suas complexas condições e ambiente de trabalho. Tem contribuído muito para a solidez dos meus conhecimentos teóricos o facto de eu ter vindo de uma prática

muito intensa, empenhada e prazerosa. Sempre tive muito gosto e senti alguma magia no contacto com os alunos ou com os professores com quem tive o privilégio de trabalhar, quer em actividades de docência, de formação ou de investigação, e foi essa experiência que me estimulou a concentrar-me num estudo profundo e incessante dos fundamentos teóricos que têm também contribuído para a minha própria formação e para o meu desempenho profissional. Tenho-me dedicado à obra de autores como John Dewey e Paulo Freire, que proclamaram precisamente a relevância recíproca da interacção entre a prática e a teoria, exactamente por esta ordem e não o contrário. A procura de sentido na minha prática através do estudo das obras de teóricos, num leque muito amplo de interesses multi e inter-disciplinares, começou por ser uma procura interessada na época em que já me sentia mais segura na minha prática, de modo a arriscar novos desafios, e não mais deixou de ser uma necessidade na consolidação do meu saber teórico-prático. Esta é a indispensabilidade que venho tentando criar também nos meus professores-estudantes. A minha ideia de prática, porém, tem vindo a alterar-se ao longo do meu trabalho na medida em que, sem deixar a docência, me tenho dedicado mais à investigação e, portanto, a ligação da prática à teoria, e vice-versa, tem vindo a tornar-se cada vez mais evidente e indispensável. Embora as minhas fontes passem por diferentes áreas disciplinares: filosofia, sociologia, ciência política, estudos culturais, estudos linguísticos e educação, verifico que um/a professor/a muito empenhado na sua prática é aquele que pode encontrar ainda mais sentido nas fontes teóricas através do relacionamento teórico-prático interdisciplinar. Para isso, é absolutamente necessário que o/a professor/a tenha rasgo e visão, que seja corajoso/a e também um/a descobridor/a, isto é, que veja para além das suas fronteiras imediatas, ou seja, dos seus limites conceptuais e do seu horizonte geográfico e socioeconómico.

*Dialogia* – Conforme a senhora sabe, estamos num universo em que o tempo, segundo a denominação feliz de muitos pensadores da contemporaneidade, está vazio, ou seja, a experiência foi subtraída. Em que medida tal processo, na sua perspectiva, afeta diretamente a Educação em todos os níveis?

A Educação, a meu ver, anda perdida, isto é, quanto mais quer ir para a frente, mais anda para trás. Estamos como que num compasso de espera, num tempo

---

de penumbra. As políticas de educação, a todos os níveis, não têm visão de futuro, este acaba logo ali onde deveria haver um emprego e não há. Onde deveríamos ter uma educação para a globalização, intercultural, cosmopolita e visionária, ao invés temos a globalização hegemônica de uma educação para um mercado de trabalho que não existe. É dramática a situação, ainda mais que este entendimento se tem vindo a espalhar como um polvo cujos tentáculos atingem todos os sistemas educativos do planeta, não satisfazendo ninguém. A avaliação educativa, tão empenhada em promover a excelência, apenas mostra como estas políticas de educação estão desajustadas. Mas não são elas que são postas em dúvida, são os professores e os alunos, os mesmos que são todos os dias violentados por elas. Acredito que esta educação tecnocrática e redutora terá pouco futuro, no entanto, terá feito estragos e terá já anulado muitas conquistas anteriores. Não terá oferecido soluções, mas será difícil reconhecê-lo porque a equação é tão simples que parece não oferecer dúvida. No entanto, também não se tem feito uma análise séria do que falhou anteriormente, para que se tenha voltado atrás e chegado até aqui, negando tudo de bom que se fez antes, não aprendendo com os erros, desprezando a utopia. Mas, mesmo assim, continuam os professores e os alunos a trabalhar seriamente nas escolas e nas universidades, perseverantes, sonhadores e até felizes. Estes vão plantando as sementes que vão florescer no futuro e vão dar cor a este mundo. Apesar de este interregno nos estar a fazer perder tempo, outros tempos virão onde a obra iniciada crescerá e dará frutos. Não nos faltam fontes de inspiração em obras como as de Dewey, Freire e muitos outros que se lhe seguiram. O trabalho escrito e realizado não terá sido em vão, outros virão e pegarão nessa luz para a levarem mais longe.

***Dialogia* – Como Portugal, de um modo geral, compreende a Educação no Brasil, em seus mais diversos graus?**

A opinião pública portuguesa mostra ainda os resquícios de uma visão arrogante sobre a educação no Brasil. No entanto, os professores do ensino superior, com um contacto muito mais próximo com os seus colegas brasileiros, têm um reconhecimento e um apreço maior pela produção académica brasileira, sobretudo, tanto quanto sei, no que se refere às Ciências Sociais. Pessoalmente, baseada na minha extensa experiência de investigação em Educação na academia anglo-saxónica, em Inglaterra e nos Estados Unidos, eu diria que existem alguns estudos

em Educação no Brasil que estão na vanguarda da investigação em educação a nível mundial. Parece-me também que, de facto, os educadores e académicos portugueses são, dos europeus, aqueles que estão mais sensibilizados e melhor posicionados para perceberem o *ethos* e o horizonte das ideias tão inspiradoras e inovadoras que têm sido recentemente apresentadas e desenvolvidas pela academia brasileira. Claro que a língua ajuda, mas vai mais para além disso, através de uma curiosidade mútua ao longo de um histórico cosmopolita dos dois países. A colaboração entre académicos portugueses e brasileiros, muito intensificada no presente, tem sido reciprocamente benéfica e pode, num futuro próximo, vir a ser exponencial no panorama internacional. De futuro, seria importante que esta partilha se intensificasse no campo da formação de professores do ensino básico e secundário e se realizasse também através do intercâmbio entre os mesmos. Portugal beneficiou-se muitíssimo dos programas europeus nesta área de formação de professores, e existem muitos professores, aposentados antecipadamente, que têm um enorme *know-how* neste campo e em outros, por exemplo, em desenvolvimento curricular e produção de materiais, que está agora desaproveitado. Seria uma descoberta mútua, mas que necessita de sensibilidade, reconhecimento e financiamento interestatal. Em Portugal, o Instituto de Educação da Universidade Lusófona (ULHT) tem estado na linha da frente do reforço da colaboração com o Brasil no campo da Educação. Há também um interesse maior na Europa em geral e da Comissão Europeia em particular de cooperar com o resto do mundo e a imagem do Brasil alterou-se substancialmente durante os últimos anos. Há, por isso, muita vontade de colaborar com o Brasil, em várias áreas do saber, e os portugueses partem com vantagem evidente, e sabem disso.

***Dialogia* – Em que medida a crise europeia afeta os processos educacionais de Portugal? A senhora poderia dar alguns exemplos?**

Este impacto é tão grande que é difícil seleccionar exemplos. Parece que estamos a regredir décadas em 2 anos. A pobreza gera desespero e violência. As crianças e os jovens são as grandes vítimas deste ciclo, tanto na família como na sociedade. Começa a aparecer nas escolas e universidades sinais de carências básicas. Por outro lado, nos últimos 5 anos, tem havido grandes modificações nas políticas de trabalho na educação que têm causado um forte impacto na demografia, na identificação dos objectivos prioritários e na motivação dos docentes. Muitos

professores solicitaram a aposentação antecipada, na faixa dos 50-60 anos de idade, e agora também muitos dos professores sem vínculo à função pública, independentemente do número de anos de docência, estão a ficar desempregados. É impossível que uma situação destas, com carências de toda a natureza, não tenha impacto na vida quotidiana das instituições de ensino. No entanto, para finalizar a minha resposta com uma nota positiva, devo dizer que houve grandes avanços no sistema educativo português nas últimas 4 décadas, com projectos e intercâmbios a todos os níveis de ensino e, sobretudo, na formação de professores, alguns dos quais, atrevo-me a dizer, de vanguarda a nível mundial. Por experiência própria, posso afirmar que se fizeram projectos muito valiosos na área da educação para a cidadania e da educação intercultural, numa colaboração muito enriquecedora com o Conselho da Europa. Os projectos de intercâmbio com escolas europeias promoveram muitas experiências valiosas entre alunos e entre professores. Ora, embora com esta crise se vá perder muito do que se ganhou, será impossível perder-se tudo. Apesar de tudo, no decurso do processo de democratização da sociedade e do Estado, Portugal conseguiu realmente construir uma outra escola e uma outra universidade, que pode competir a nível internacional, e tanto os autores como os beneficiados desta mudança estão aí no terreno. Não será possível ignorar . . .

***Dialogia* – Aqui no Brasil, infelizmente, a maioria dos projetos educacionais (municipais, estaduais, federais) são interrompidos, muitas vezes de forma brusca, quando há mudanças políticas. Em Portugal ocorre o mesmo? Poderia comentar alguns exemplos?**

Ah, isso é uma doença da classe política actual resultante da sua grande levianidade, egocentrismo e mediocridade. Poucos são visionários, humanistas, sonhadores, trabalhadores públicos com grande sentido cívico. E isto acontece também ao mais alto nível, nas organizações transnacionais, com impactos tremendos no âmbito nacional. É um sinal dos tempos, do rápido, do que brilha, do intermitente; não há tempo para acomodar, reflectir, ponderar, reformular, respeitar o tempo e o espaço daqueles a quem estas políticas se impõem (não se dirigindo a elas/ eles). Estudantes e professores continuam não sendo sujeitos do seu próprio fazer e saber, mas objectos do poder, como dizia Paulo Freire. Em Portugal, no que diz respeito às políticas de educação, passámos de uma ditadura estática, imóvel,

irredutível, do pouco e do solitário para a ditadura relampejante e translúcida da excelência, do global, do europeu, do número, da estatística, em que as pessoas no fim da linha, que estão a dar corpo a essas políticas, terão de se torcer e retorcer para que o resultado seja exacto e conforme ao planeado. Nesta cadeia, ninguém tem rosto nem existência. Sim, não tem havido a noção de serviço público entre os políticos em Portugal, que vão querendo ficar para a história por fazerem reformas profundas. Mas o que acontece é que sempre se vai destruindo o que se avançou e vai-se extenuando os profissionais da função pública que recebem, a toda a hora, ordens contraditórias e têm de mudar as rotinas e as estratégias de cada vez que muda o governo. Não há outra coisa que o justifique senão o egocentrismo e autoritarismo de cada governante que descarta o processo onde se deveria integrar, esquecendo que o seu poder é temporário e que havia um país antes e haverá um depois que deveria ir mudando e ir-se aperfeiçoando pausadamente, com tempo para testar, reflectir e avaliar. Isto provoca um grande cansaço e uma enorme desmotivação, não contribuindo para a eficácia das transformações exigidas.

***Dialogia*** – Gostaria de falar a respeito de leituras. Mapear níveis qualitativos e quantitativos de leitura, sabemos, é uma tarefa quase impossível, contudo, mesmo que de forma aproximada, temos alguns dados. Pois bem: como a senhora avalia o universo de leituras, em geral, em Portugal? As pessoas, afinal, lêem mais do que antes, se considerarmos que a oferta, na atualidade, é imensa? Como a professora Manuela avalia a questão?

Não tenho informação científica ou mesmo técnica sobre este assunto, contudo, apenas porque me interessa pessoalmente, vou escutando e lendo as informações que aparecem nos *media*. Desde 2007, o mapeamento e estímulo da leitura dos/as portugueses/as tem sido objecto de um programa concreto do Ministério da Educação em Portugal, na forma de um Plano Nacional de Leitura (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudios/>)

Num dos estudos sociológicos que se efectuaram no âmbito deste Plano, concluiu-se que “as opiniões sobre se hoje se lê mais ou menos do que há 10 anos dividem-se. São 44% os que consideram que hoje se lê mais, mas os que consideram o contrário estão muito próximos (41%).” Interessante será reparar também que “em termos de idade, observa-se uma relação directa com a opinião de que se



lê mais: quanto mais idosos maiores as percentagens. Assim, enquanto 50% dos inquiridos com mais de 55 anos considera que se lê mais actualmente, no caso dos que têm entre 15 e 24 anos são 34%.” ([http://www.oac.pt/pdfs/OAC\\_A%20Leitura%20em%20Portugal.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OAC_A%20Leitura%20em%20Portugal.pdf)). Deste modo, no mesmo estudo, se conclui que, se por um lado as pessoas lêem mais porque são hoje mais escolarizadas, têm mais capacidade económica e existem mais bibliotecas do que no Estado Novo, por outro lado existem outros meios de informação e de entretenimento, como resultado do desenvolvimento tecnológico, que ocupam o tempo dos que seriam eventualmente mais leitores (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos>). É um facto que os portugueses estão muito mais escolarizados e que sobretudo a geração mais nova é a mais qualificada de sempre. Isto terá de ter necessariamente consequências no reforço dos hábitos de leitura. Julgo que, para além das leituras especializadas, o público em geral lê agora muito mais obras literárias e estudos sociológicos e políticos. Contudo, a crise financeira vai, com certeza, ter consequências na redução da aquisição de livros e até no acesso a eles em bibliotecas, devido às restrições no financiamento público.

***Dialogia* – Aqui no Brasil, de acordo com várias pesquisas e estatísticas, as licenciaturas, ou seja, as carreiras ligadas ao magistério (em todos os níveis) estão “em baixa”. Pouca procura. Como está a situação em Portugal? Como a professora Manuela avalia tal processo?**

Nisto também posso contar apenas com a minha experiência e opinião pessoais. Em Portugal, ao contrário do que tem acontecido em Inglaterra e nos Estados Unidos, segundo o meu conhecimento, a procura de carreiras ligadas ao magistério em todos os níveis tem sido “alta”. Em meu entender, porque tem oferecido emprego estável, com condições de trabalho que têm melhorado significativamente por força de um sindicalismo aguerrido e bem apoiado. A falta de trabalho concorrente noutras áreas, sobretudo no privado, e um número crescente de mulheres licenciadas, para um emprego tradicionalmente feminino, para além de um estatuto que a/o professor foi ganhando, e perdendo logo a seguir, também contribui para esta grande procura. Esta situação inverteu-se completamente a partir de 2003 e prevejo que o desemprego actual na classe e as terríveis condições de trabalho irão naturalmente tornar desnecessária esta procura. O impacto na fraca procura de formação pós-graduada já começa a notar-se. De uma maneira

geral, na Europa e na América o estatuto social do/a professor/a tem vindo a decair e o reconhecimento da importância do seu papel na sociedade tem vindo a desvanecer-se. Já que este foi sempre o principal retorno destes profissionais, esta desvalorização, juntamente com alterações várias na vida das escolas, tem tido um impacto forte na desmotivação dos/as professores/s e, em consequência, na crescente diminuição do número de candidatos para esta profissão.

***Dialogia* – Sabemos que a professora Manuela possui uma boa leitura da obra de Paulo Freire. Gostaria, de acordo com suas escolhas, que fizesse alguns comentários a respeito do educador brasileiro.**

A obra de Paulo Freire tem sido a luz que sigo na teorização das minhas práticas e a inspiração para a minha produção académica no âmbito da comunicação e da educação para a cidadania intercultural. Freire reuniu o melhor de dois mundos, pois era um profundo conhecedor dos teóricos da educação do ‘norte’ global e um visionário da educação do ‘sul’ global. Assim, encontramos na sua obra as respostas para as questões do início do século XXI, sobretudo porque Freire não era dogmático, ele foi rebuscando e aprimorando propostas ao longo da sua obra. Porque a sua linguagem é muito simples e porque era um ‘sulista’ o potencial da sua obra não foi suficientemente valorizado no século XX, mas o mundo lhe dará o reconhecimento que merece durante este século que já caminha. Freire era um sonhador corajoso e sensato, porque era um sábio, no verdadeiro sentido da palavra. Poderia citar aqui algumas das suas máximas, já sobejamente conhecidas e repetidas, mas julgo que estaria a trair a profundidade da sua obra, que merece cuidadoso estudo. No entanto, devo referir como a *Pedagogia do Oprimido* teve um enorme impacto na minha forma de ler o mundo e de ler a palavra, e fez-me rever a minha posição e a minha função nele. Tenho um especial carinho por uma *Carta aos professores norte-americanos*, na qual Paulo Freire lhes lembra que ler palavras compreende também ler o mundo, o que requer uma percepção política e crítica desse mundo. E continuo a socorrer-me sempre da *Pedagogia como prática de liberdade*, o seu primeiro trabalho, onde Freire elabora sobre a consciência crítica, a base da minha pesquisa, e sobre o diálogo e a comunicação como interações horizontais, fundamentos para uma pedagogia democrática e, portanto, dialógica. Em *Medo e Ousadia* eu aprendo sobre o que não deve ser e o que é uma pedagogia dialógica, pois aqui Freire apresenta-a claramente como

---

uma compreensão epistemológica do Sul alternativa a um entendimento clássico ocidental acerca da pedagogia e do diálogo, aqui percebidos, quando muito, como técnicas, mas necessariamente subvalorizados. Freire propõe a pedagogia dialógica como uma aplicação educativa, mas eleva-a a um patamar ontológico e epistemológico que responde ao desdém com que normalmente a ortodoxia acadêmica olha a pedagogia e o diálogo. Em *Educação e Mudança* Freire joga com a dialética entre mudança e estabilidade, dois eixos fundamentais em educação, que não pode viver com um sem o outro. Como imaginar a educação sem mudança, a educação que prepara o futuro fechada em si própria, que aposta em reproduzir indefinidamente um determinado sistema socioeconômico vigente? Como imaginar uma educação em mudança vertiginosa sem pausa, sem chão? A educação acontece no eixo entre mudança e estabilidade, como nos explica Freire, com sabedoria. E ainda mais, a pedagogia da esperança é um legado que Freire nos deixa, quer dizer, a responsabilidade de não desistirmos. E eu cá vou formando e, ao formar, me vou formando e re-formando (*Pedagogia da autonomia*), sem esquecer todo o trabalho do Instituto Paulo Freire, nomeadamente Romão e Gadotti, que têm vindo a explicar e a desenvolver a mensagem de Paulo Freire. Tenho também dado muita atenção ao trabalho internacional de académicos que têm vindo a explorar, a aprofundar, a localizar e a globalizar a obra de Freire. E entre estes saliento o norte-americano Henry Giroux.

*Dialogia* – Agradeço-lhe em meu nome, em nome da Uninove e dos editores responsáveis da Revista Dialogia, esta entrevista. Achamos fundamental que tenhamos um diálogo permanente com os países que nos aproximam, em especial, pela língua e literatura.

